

Crise de identidade

João Batista Freire¹

RESUMO ABSTRACT

A educação física age de má-fé, isto é, finge ser o que não é, porém, não por cinismo, mas por acreditar realmente na farsa que representa. Isso é agir de má-fé, no sentido que deu a esse termo Sartre. Na mesma linha, os cursos de pós-graduação são avaliados seguindo a mesma crença, a mesma má-fé. No meu entender, a educação física é uma disciplina pedagógica que tem por objetivo educar corporalmente as pessoas. Não é a contribuição para produzir nesse campo que as avaliações avaliam.

Palavras chave: educação física, educação corporal, má-fé

Physical education acts in bad faith, that is, it pretends to be what it is not; it is now, however cynicism, but because it really believes in the farce it represents. This is acting in bad faith, in the sense that Sartre gave to the term. Along the same line, the post-graduate programs are evaluated according to the same belief, the same bad faith. In my understanding, physical education is a pedagogical discipline that has as its aim educating people corporally. It is no contribution to produce what the evaluations evaluate in this field.

Key words: physical education, body education, bad faith

¹ Professor Visitante da UDESC, autor dos livros *Educação de corpo inteiro*, *Educação como prática corporal*, *De corpo e alma*, *Pedagogia do futebol*. Contatos: www.decorpo inteiro.com.br

Má-fé

Filha bastarda da caserna, prima pobre da educação e da medicina, a educação física sempre relutou em assumir a vocação implícita em seu nome. O batismo definiu-lhe uma identidade, ou um estigma. Querendo ou não, a educação física é uma disciplina pedagógica, esse é seu fundamento; seu destino é educar. Age de má-fé quando procura esconder o que é verdadeiramente. Mente a si mesma achando, ora que é fisiologia, ora que é medicina, ora que é biomecânica, ora que é filosofia ou apenas entretenimento. Menciono a má-fé no sentido que deu-lhe Sartre: "...trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável." (O ser e o nada, p. 94). Sendo assim, não é cínica, desonesta, porque acredita realmente na mentira que conta a si mesma.

Ter má-fé não é ter má-intenção, mas isso não exime a educação física de seu pecado original. Terá que purgá-lo até assumir aquilo que é, uma disciplina pedagógica, conjunto de conhecimentos que resulta sempre em atividades de intervenção. Sua origem, na verdade, não é a caserna, mas sim o escravo grego que acompanhava o jovem amo às palestras, protegendo-o e iluminando seu caminho com uma lanterna. Esse homem, geralmente um ancião, era chamado de

pedagogo, a metáfora que pariu nossas profissões de educar.

Há quem não nutra pelo nome de batismo uma simpatia particular. Eu mesmo talvez não goste de me chamar João, mas assim é que fui batizado e seria um tanto estranho mudar o registro de tantos anos. Isso explica, em parte, as tentativas de mudança de nomes nos últimos tempos, não o meu, mas o de minha profissão. Desses dois termos que definem o nome educação física, o segundo parece mesmo um tanto fora de sintonia com nosso tempo; o primeiro continua atual, fiel à tradição do pedagogo. Não quero dizer, com isso, que seja impossível mudar seu nome, mas afrontar as tradições não é tarefa fácil.

Vestibular

Se lhe faltou fundamentação, não lhe faltou atrevimento. Um dia, sem ter feito vestibular, a educação física entrou na Universidade. À burocracia não apresentou carteira de identidade e levou consigo a má-fé, que só fez crescer nos meios acadêmicos. Num lugar em que todos faziam ciência, faltava-lhe um nicho acolhedor, ela que só conhecia de práticas, de corpos perfeitos e de entretenimento. Acolheu-a a saúde, posto que já havia servido a propósitos higienistas. E como saúde, ganhou *status* de moderna, de científica. E por aí foi se perdendo e

comunicando ao mundo que agora era universitária e que sua palavra era lei. Que todos entendessem que tinha por fundamento a ciência e que haveria de pesquisar tanto e tão bem quanto as demais disciplinas universitárias.

Tendo que prestar contas ao anfitrião, não se fez de rogada. Abandonou seus compromissos primordiais e entregou-se ao que havia de mais nobre na pesquisa sobre saúde e rendimento físico. A pedagogia que ficasse a cargo dos professores e pesquisadores das escolas de educação; que escrevessem eles para as “tiazinhas”, como a chamam alguns de nossos cientistas, indiferentes ao papel das professoras. Fez aquilo que sua má-fé recomendava. Convenceu-se de que era fisiologia, biomecânica, medicina, filosofia, antropologia, sociologia, entre outras. Jamais considerou que, sendo pedagogia, poderia servir-se de quantos ramos científicos necessitasse, sem recorrer a metamorfoses tão dolorosas. Exatamente por estar na universidade, poderia valer-se das várias áreas de conhecimento como subsidiárias.

A educação física não pode alegar inocência. Afinal, e aqui recorro novamente a Sartre, “...aquele a quem se mente e aquele que mente são uma só e mesma pessoa, e isso significa que eu, enquanto enganador, devo saber a verdade que

é-me disfarçada enquanto enganado.” (O ser e o nada, p. 94). Além disso, “Aquele que se afeta de má-fé deve ter consciência (de) sua má-fé, pois o ser da consciência é consciência de ser.” (O ser e o nada, p. 95). Fiel mesmo, e na raiz de sua má-fé, manteve-se ela a seu sentimento de vergonha. Acolhida nos meios acadêmicos, cercada dos cânones da ciência, envergonhou-se de sua posição menor, primeiramente em relação a uma atividade visivelmente diminuída em nossa sociedade: a de educar. Em segundo lugar em relação a uma atividade que focava o corpo, esse subalterno do espírito, e que não era o corpo da biologia. Sequer teve alguma vez a ousadia de proferir o termo que poria termo a seus dilemas, definindo seu papel: educação corporal. Não poderia haver nada menor nos círculos acadêmicos.

Houve quem conseguisse chegar a soluções razoáveis sobre essa questão. O Instituto Técnico de Lisboa decidiu encarar de frente o problema e transformou aquilo que se chamava educação física, agrupando um conjunto variado de professores e pesquisadores, em uma Faculdade de Motricidade Humana, onde obteve abrigo a educação física, entre outras faculdades que lidam com as coisas do corpo. Da Motricidade Humana, termo cunhado pelo Prof. Manuel Sérgio,

inspirador das mudanças ocorridas em Lisboa, a educação física passou a constituir, para os irmãos portugueses, o ramo pedagógico, onde interessados se dedicam a pesquisar como educar melhor corporalmente. Não deixaram de fora a fisiologia ou a biomecânica, mas criaram um campo de investigação específico, a motricidade humana, tornando as demais ciências subsidiárias.

A queima dos livros

Aqui no Brasil, continuamos insistindo nas velhas fórmulas, pouco à vontade no traje de gala exigido pela universidade. Desconhecendo seu real objeto de estudo, ficava difícil para a educação física frequentar a comunidade científica. Além disso, habitando o nicho ecológico da área da saúde, práticas, coreografias, relatos, reflexões, ensaios, valeriam o mesmo que nada, uma vez que as avaliações de qualidade são feitas quase exclusivamente em torno das publicações de artigos científicos em revistas indexadas, os chamados "papers". Para garantir que essa regra suprema não fosse transgredida, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Ministério da Educação, a CAPES, arregimentou entre luminares da ciência de faculdades de educação

física, eventualmente revezados, avaliadores, que fiscalizam o bom exercício científico no campo específico.

Supõe-se que, sendo representantes daquilo que há de mais nobre hoje na universidade, isto é, a produção científica, conheçam profundamente os fundamentos da área que avaliam, no campo específico, isto é, os fundamentos da educação física. Talvez devam saber, como todos os demais pesquisadores, que a educação física é uma disciplina pedagógica que tem por objetivo educar corporalmente as pessoas. Sendo assim, não importa que a produção científica se refira especificamente a atividades de intervenção pedagógica, ou a subsídios colhidos em outras ciências como a fisiologia, biomecânica ou antropologia, esses avaliadores deveriam apreciar os trabalhos em função das contribuições para o campo específico, isto é, para o campo da educação corporal.

Não é exatamente isso o que se vê. Seguindo a tradição da educação física, em sua versão universitária, tais avaliadores também agem de má-fé (no sentido sartriano). O que não tem cara de ciência, não é considerado. Livros, ensaios, reflexões, relatos de experiência, por exemplo, pouco valem diante dos aureolados papers. Os

livros, guardiães da cultura humana por séculos, só não foram queimados ainda em praça pública porque nos falta o ambiente favorável que existia na Alemanha nazista em 1933. Lembro que, naquele tempo, o mundo, de modo geral, ficou indiferente à insanidade nazista. Um dos poucos que se ergueram contra os métodos de purificação cultural foi Thomas Mann, perseguido e exilado por sua atitude. Do lado nazista, o poeta Hanns Johst, justificou assim a queima dos livros: “necessidade de purificação radical da literatura alemã de elementos estranhos que pudessem alienar a cultura alemã”. Os livros, ora, esses maços de manuscritos produzidos na solidão do escritor, não passariam pelo crivo rigoroso dos conselhos científicos. De qualquer maneira, acreditam nossos luminares que seriam escritos muito mais para atender as necessidades de cursos de graduação que daqueles de pós-graduação, isto é, os nichos da ciência.

Injustos com a história, mesmo agindo sinceramente de má-fé, nossos representantes na Capes, e boa parte de seus seguidores nas coordenações de programas de Mestrado e Doutorado, fecham os olhos aos acontecimentos das últimas décadas, quando a educação física passou a ser redesenhada, se não para a universidade, para a práti-

ca pedagógica instalada no curso básico, isto é, nos níveis fundamental e médio. Se fossem coerentes com as avaliações, todos os cursos de pós-graduação em educação física funcionariam estritamente em função de acumular pontos nas avaliações periódicas da Capes e, para manterem a coerência, teriam que recomendar a seus alunos que parassem de ler livros e seus professores de escrevê-los. Na prática isso equivale ao que fizeram os nazistas em 1933 em praças públicas: queimar uma das mais preciosas obras da cultura humana, isto é, a cultura de escrever e ler. Não devemos esquecer que, atualmente, sob a tirania dos papers, as avaliações periódicas da Capes na área da saúde, determinam o rumo dos cursos de pós-graduação em educação física. De quebra, transformam parte dos coordenadores desses cursos em meros contabilistas.

É claro que tudo que aqui escrevo é passível de refutação, mas não sem precedê-la de reflexão. Não falo de um ponto de vista qualquer, como franco atirador, mas como alguém que atuou em quase todas as linhas do campo. Fiz do livro o meio de comunicação para contribuir com a constituição da identidade da educação física. Se me queimam os livros, queimam-me todo.

Não pensem que não reflito antes de me pôr a criticar. Pelo contrário, faço-o rigorosamente, tanto quanto o faço quando escrevo meus livros, que para a Capes valem não mais que um quarto do valor de um paper. Eu não poderia escrever livros se não refletisse rigorosamente. Quem prestar atenção neles verá que se referem especificamente ao objeto central de estudos de uma disciplina pedagógica: a educação, uma vez que sou educador.

Ensinar a viver

A Terra é um planeta que reúne condições para a manifestação e manutenção da vida, na forma como a conhecemos. Dadas as condições físicas de nosso mundo, é preciso encarnar para viver. A vida encarnada em corpo é a confirmação de nossa existência.

Uma vez vivos, temos que realizar a vida, servindo-se dos mecanismos colocados à disposição pela natureza. E não basta estar vivos; precisamos aprender a viver, coordenando-nos em ações que materializam o esforço de viver. Num primeiro momento, para os humanos, ações motoras. E é a esse conjunto de coordenações motoras, com todas as ligações possíveis com outras coordenações realizadoras da vida, que chamamos de motricidade.

Chegamos ao ponto. Ser corpo e estar vivo não garante a continuação da existência. Os mecanismos para tanto não estão prontos à partida. É necessário desenvolvê-los por um processo que convençamos chamar de aprendizagem. Ou seja, teremos que aprender a viver, e a viver como corpo, uma vez que essa é nossa realidade neste planeta. Ora, se temos que aprender a viver corporalmente, haverá que existir aqueles que nos ensinem: os pedagogos da vida corporal.

E não me peçam definições ou explicações sobre a vida. Por ser mistério, permanece insondável. Os vivos são aqueles que desenvolveram mecanismos para resistir à ação da gravidade; não desabam sobre a terra. As montanhas são terra. A grande árvore, quando não mais reúne forças para resistir, desaba. A esse respeito posso, como todo mundo, apenas proferir frases: viver é resistir à ação da gravidade, é anular o próprio peso, é fazer-se leve. Viver é flutuar. Ser flexível é transitar entre dois pólos: de um lado resistir, de outro, ceder à gravidade.

Não é pequena, portanto, a tarefa da educação física, se ela assumisse seu verdadeiro papel. Não que haja alguma grande novidade nessa disciplina, comparativamente às demais. Todas as disciplinas pedagógicas ensinam a viver, porém, cada qual com sua especificidade. No

nosso caso, a especificidade é a ação motora, as coordenações motoras, o corpo realizando-se como vida.

A tarefa de ensinar a viver corporalmente nunca foi executada pela educação, pelo menos do ponto de vista formal. Boa parte da história de nossa civilização é a história da educação do espírito, da negação da vida corporal. Como afirmou Bachofen, citado por Edgar Morin, “se tem construído mais para os mortos do que para os vivos”. p. 29 (o homem e a morte).

Somos corpo e é como corpo que temos que viver. Para tanto, temos que aprender. Não podemos eternizar nossa má-fé, fingindo ser o que não somos. A educação cor-

poral, objetivo maior da educação física, é para ensinar a viver a realidade deste tempo. Não é uma educação para a morte, mas para a vida; não é educação para o que vem depois, mas para o que se vive agora, nesta nossa realidade encarnada.

Referências

- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. 7ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, sem data.

Recebido em: março/2003

Aprovado: abril/2003